



**Sr. Enrico De Vettori**

*é gerente sênior da área de Consultoria Empresarial da Deloitte. E-mail: enricovettori@deloitte.com*

Não há dúvidas de que hoje se vive no cenário econômico mundial um momento de turbulência financeira. As correntes de pensamento divergem. Há aqueles que acreditam que, em certa medida, os países emergentes não serão atingidos por uma desaceleração da economia americana. Há outra corrente, como a do professor de

## Pessimismo cauteloso

Os administradores da área da saúde precisam acompanhar os acontecimentos do ambiente global e repensar as estratégias para 2008 a fim de evitar vazamentos no orçamento.

finanças da Universidade de Pequim, Michael Pettis, que afirma ser praticamente impossível que os emergentes não sofram alguma consequência, levando-se em consideração que o PIB dos EUA equivale a 25% do PIB mundial e as importações americanas aumentaram de 3,7% em 2001, para 4% hoje.

Feliz foi o ano velho em que surfamos na onda da liquidez global e nossos governantes não enfrentaram desafios mais complexos na gestão da coisa pública. Certamente, todos já fizeram seus planejamentos para 2008. Mas é necessário aos administradores e gestores que prestem atenção e não cometam o erro de não se precaverem.

Observar com cautela o ambiente internacional é imprescindível para

mitigar riscos no processo de tomada de decisão. Isto, principalmente, já que não se sabe ao certo se haverá ou não um descolamento ou desacoplagem das economias emergentes e de como isso poderá impactar o Brasil. Essa desacoplagem é um fenômeno defendido por alguns gurus da economia mundial em que os países emergentes estariam imunes aos efeitos da crise americana, já que o fluxo de negócios entre eles já têm uma importância que supriria as deficiências causadas por essa crise. É bem verdade que, ultimamente, vimos países emergentes socorrerem grandes bancos americanos, o que nunca fora antes vivenciado.

A reflexão é necessária. A percepção de um ambiente mais inseguro deve vir